

QUINQUENNium NERONIS E A IDEIA DE UM BOM GOVERNO*

*Fábio Favarsani***

Resumo:

*O artigo analisa as diversas formas propostas pela historiografia para se interpretar a expressão **quinquennium Neronis**. Estudamos como as interpretações buscam explicar o termo se apoiando em diferentes tradições como chaves de leitura. Apontamos para a possibilidade de que o uso continuado da expressão **quinquennium Neronis** na literatura do Império Romano - e posterior talvez - se deva exatamente a sua ambiguidade e, ainda mais, possivelmente compreenderemos melhor seu significado considerando o sentido que assumiu para várias temporalidades e grupos políticos.*

Palavras-chave: *Nero, quinquennium Neronis, principado romano. Império Romano; historiografia.*

Este artigo se propõe a fazer um balanço das pesquisas que se propuseram a delimitar temporalmente o *quinquennium Neronis* e a que conclusões podemos chegar a partir do debate constituído.¹ A historiografia se divide quando se trata de especificar que período de cinco anos seria esse.

Para a quase totalidade dos autores que tratam do principado de Nero, o *quinquennium Neronis* corresponderia aos anos iniciais de seu governo. Basicamente o argumento se repete: entre 54 e 59 Nero teria feito um bom governo, sendo controlado por Sêneca e Burro. Após o assassinato de Agripina, teria fim esse período positivo. Para outros, o período de bom governo se alongaria até 62, quando Burro morre e Sêneca se afasta. Correntemente, o termo é usado assim para explicar que Nero fez um bom início de gover-

* Recebido em 05/05/2014 e aceito em 29/05/2014.

** Professor adjunto do Departamento de História da Universidade Federal de Ouro Preto.

no quando bem aconselhado e, depois, agindo por conta própria ou movido por maus conselheiros, buscou implantar uma tirania. No entanto, vários autores que estudaram mais detidamente as fontes do século IV que trazem o designativo *quinquennium Neronis*, discordam dessa datação usual.

A expressão *quinquennium Neronis* não é contemporânea ao governo deste imperador, mas foi cunhada posteriormente. Aurélio Victor e o **Epítome de Caesaribus**, fontes do século IV, são os primeiros documentos a trazerem o termo, dentre os que chegaram até nós. Elas fazem menção ao fato de que Trajano, possivelmente no século II, teria cunhado a expressão. Para ilustrar a justiça desse elogio a um imperador que é tomado por essas mesmas fontes como um terrível tirano, seus autores citam a intensa atividade edilícia de Nero e também eventos ligados à criação de novas províncias. Isso colocaria o *quinquennium Neronis* no contexto do incêndio de Roma, de 64 d.C., e do término das alterações produzidas à época na fronteira alpina e leste, que também não se deram no início do governo de Nero. Tais eventos corresponderiam mais ao final do seu governo do que ao início. Sendo assim, argumenta-se que o *quinquennium Neronis* **não** poderia ter sido cunhado para designar os anos iniciais desse governo, mas aos finais, de 64 (ano do incêndio de Roma levando à intensa atividade edilícia na capital) até 68 (ano do suicídio de Nero). Outra hipótese levantada por autores que estudam as fontes do século IV é que o *quinquennium* se referiria ao intervalo de cinco anos entre os dois *Neronia*, importantes jogos instituídos sob Nero e disputados em 60 e 65. Ou seja, o *quinquennium Neronis* se situaria não mais no início nem no final, mas justamente no meio do governo de Nero.

Essa indefinição quanto a que período concretamente seria o de mau governo chama a atenção. A noção de bom governo (e sua negação, o mau governo), como se sabe, é muito importante para a historiografia que, em geral, divide o principado em governos e nos seus qualificativos “bom” e “mau” correspondente a cada um. Surpreende que, no caso do governo de Nero, não seja claro qual parte tenha sido boa e qual parte tenha sido má. A decisão sobre o que é um mal ou um bom governo talvez não seja assim tão natural como tantas vezes parece quando apresentada nas análises historiográficas. Sempre se diz que Augusto foi um bom governante e que Calígula foi mau. Nossa pergunta é a seguinte: se pensar um bom e um mau governo é algo pautado em critérios claros, deveria ser quase imediato identificar o bom e o mau período do governo de Nero. Mas não é. As razões pelas

quais alguém é considerado um bom ou um mau governante obedecem a certos aspectos gerais, mas também sofrem uma forte carga de conjunturas específicas, de quadros de interesses específicos. Creio que as discussões que temos sobre qual período é designado pelo *quinquennium Neronis* ajudam especialmente a colocar à luz este segundo aspecto, ou seja, o quanto a avaliação dos governantes está influenciada não só pelas suas próprias realizações, mas também pelas apreciações que foram sendo feitas delas nos tempos que se sucederam, nas diferentes conjunturas que embasaram as avaliações que foram feitas dos governantes.

Assim, nosso propósito neste artigo não é qualificar o que seria um bom governo em termos abstratos e gerais para os “romanos” (nem creio que tal busca possa ser frutífera no sentido de se alcançar uma definição inequívoca) nem é especificar exatamente a que período a famosa expressão se refere, mas investigar as razões de sua imprecisão, que, a nosso ver, é intrínseca ao termo e explica a sua força ao longo do tempo. Nosso propósito é investigar a polifonia que se construiu em torno do *quinquennium Neronis* e procurar demonstrar que suas ambiguidades foram úteis para os diversos usos que foram dados a ele, levando à sua preservação. O uso que é feito predominantemente hoje do termo seria mais um (entre outros) que se ajusta bem a uma conjuntura específica, mais do que uma boa descrição dos próprios acontecimentos sob o principado de Nero.

Para analisar isso, cremos que um bom primeiro passo é voltar às fontes e apresentar como elas trouxeram esta expressão *quinquennium Neronis* e, a seguir, examinar quais as interpretações que a historiografia produziu a respeito de seu significado.

Iniciemos pelo que dizem as fontes. A expressão é uma criação tardia e de transmissão indireta, como dissemos. A fórmula *quinquennium Neronis* aparece em Aurélio Victor e no **Epítome de Caesaribus**. Ambas a transmitem como sendo de autoria do imperador Trajano.

Em sua obra **de Caesaribus**, datada do século IV (possivelmente foi escrita por volta dos anos 360), Aurelius Victor relatou o reinado de Nero com as seguintes palavras:

1 Eo modo L. Domitius (nam id certe nomen Neroni, patre Domitio, erat) imperator factus est. 2 Qui cum longe adolescens dominatum parem annis vitrico gessisset, quinquennium tamen tantus fuit, augenda urbe maxime, uti merito Traianus saepius testaretur procul

differre cunctos principes Neronis quinquennio; quo etiam Pontum in ius provinciae Polemonis permissu redegit, cuius gratia Polemoniachus Pontus appellatur, itemque Cottias Alpes Cottio rege mortuo. 3 Quare satis compertum est neque aevum impedimento virtuti esse; eam facile mutari corrupto per licentiam ingenio, omissamque adolescentiae quasi legem perniciosius repeti. 4 Namque eo dedecore reliquum vitae egit, uti pigeat pudeatque memorare huiuscemodi quempiam, nedum rectorem gentium, fuisse.

1. Desta maneira, Lúcio Domício – pois este certamente era o nome de Nero, tomado de seu pai, Domício – tornou-se imperador. 2. Tendo governado sendo muito jovem, por tantos anos quanto seu padrasto, apesar disto por cinco anos (quinquennium) fez tanto, especialmente melhorando a cidade (augenda urbe maxime), que Trajano muito frequentemente declarava com justiça que todos os imperadores anteriores foram superados por estes cinco anos de Nero. Durante este período ele também reduziu o Ponto ao status de província com a anuência de Polemão, razão pela qual ela é chamada de Ponto Polemoniaco, e fez o mesmo com os Alpes Cótios após a morte de rei Cótio. 3. Assim como é claro que a idade não é obstáculo para a virtude, é certo que a virtude degenera facilmente quando se dá licença a isto e o que pode ser regulado na juventude, se não o for, reverte para os mais desastrosos resultados. 4. Assim, Nero desperdiçou o resto de sua vida de maneira tão lastimável, que se tem pesar e vergonha se lembrar de alguém assim, especialmente quando fosse um comandante dos povos.

No **Epítome de Caesaribus**, cujo autor é desconhecido e a datação é incerta (talvez do século IV, talvez do início do século seguinte), temos basicamente os mesmos elementos associados ao *quinquennium Neronis* e sua criação também é atribuída a Trajano. Vamos ler a passagem:

1 Domitius Nero, patre Domitio Ahenobarbo genitus, matre Agrippina, imperavit annos tredecim. 2 Iste quinquennio tolerabilis visus. Unde quidam prodidere Traianum solitum dicere procul distare cunctos principes Neronis quinquennio. 3 Hic in urbe amphitheatrum et lavacra construxit. 4 Pontum in ius provinciae Polemonis reguli permissu redegit, a quo Polemoniachus Pontus appellatur,

itemque Cottias Alpes Cottio rege mortuo. 5 Eo namque dedecore reliquum vitae egit, ut pudeat memorare huiuscemodi quemquam.

1. Domício Nero, filho de Domício Aenobarbo e Agripina, governou por treze anos. **2.** Ele pareceu tolerável (*tolerabilis uisus*) durante seu quinquênio. Por esta razão, alguns escritores relatam que Trajano tinha o hábito de dizer que os reinados de todos os outros imperadores ficavam longe do quinquênio de Nero. **3.** Ele construiu um anfiteatro e banhos na cidade. **4.** Ele reduziu o Ponto ao status de província com a permissão de Polemão, após o que ela foi chamada Ponto Polemoniaco. Do mesmo modo, os Alpes Cóticos foram assim nomeados após a morte do rei Cótio. **5.** A despeito disso, Nero desperdiçou o resto de sua vida de uma maneira tão lastimável que é uma vergonha se lembrar de alguém assim.

Então, Trajano, no final do século I ou mais provavelmente no início do II, teria afirmado diversas vezes que Nero, imperador de 54 a 68 d.C., realizou um bom governo em algum momento. Essa afirmação foi registrada na tradição textual apenas na segunda metade do século IV. A primeira coisa a fazer para se pensar uma identificação temporal do *quinquennium Neronis* é datar as referências que estão associadas à avaliação positiva do governo neroniano. Primeiro trataremos daquelas trazidas por Aurélio Victor, passando depois àquelas que registram o Epítome.

A primeira delas se refere ao fato de Nero ser adolescente. Essa não é uma informação que delimite um período do seu governo. Nero o inicia com 16 anos e o encerra com 30 anos. Sabemos que a adolescência entre os romanos, diversamente do que ocorre entre nós, poderia designar o período de vida entre os 14 e os 30 ou até mesmo os 40 anos – assim, podemos considerar simplesmente que a fonte atesta que o governo de Nero foi, como um todo, o governo de um adolescente.

A segunda informação é inespecífica, referindo-se à ampliação ou embelezamento da cidade de Roma (*augenda urbe maxime*). O mais provável é que essa referência seja uma menção aos intensos trabalhos de recuperação e redefinição pelos quais passou a cidade após o grande incêndio que destruiu parte importante da capital em julho de 64.

A indicação seguinte nos leva a um episódio mais circunscrito: a transformação do reino de Polomeno, no Ponto, em província. Tal episódio se

deu em 63. Outra anexação que é saudada como feito neroniano é aquela dos Alpes Cotianos, no noroeste da península itálica. Tal incorporação ocorreu no ano de 64.

No **Epítome de Caesaribus** as menções à pouca idade do *princeps* e às incorporações territoriais se repetem. No que se refere à atividade edilícia é que temos uma menção específica à construção de um anfiteatro, que foi erigido em madeira em 57, e de termas, que podem ser datadas de 61 (*lauacra*) e 64 (*thermae Neronianae*).

Assim, concluímos que as datas associadas aos eventos expressos pelas fontes do século IV se concentram nos anos 60, à exceção do anfiteatro construído no terceiro ano do governo de Nero.

Analisada a cronologia das fontes, cumpre agora apresentar de forma sintética como a historiografia tratou essas informações.

Um primeiro ponto que chama a atenção é que, ainda que a cronologia das fontes associe o *quinquennium Neronis* aos anos 60, tradicionalmente ele é tomado como uma referência ao período compreendido no livro XIII, dos **Anais** de Tácito, que foi e é a principal fonte para o estudo do principado neroniano.² Ou seja, o *quinquennium Neronis* corresponderia ao período inicial do governo de Nero, os anos 54 a 59, quando temos o matricídio de Agripina. Outra demarcação muito usada para o *quinquennium Neronis* é mais longa, compreendendo os anos 54 a 62 e encerrando-se com a morte de Burro e o afastamento de Sêneca. Essa é a datação que, como já destacamos no início, mais comparece nos textos que tratam do governo neroniano.³

No número inaugural do **Journal of Roman Studies** é publicado um artigo que questiona pela primeira vez a interpretação tradicional do dito atribuído a Trajano, considerando justamente a discrepância entre a cronologia proposta modernamente e aquela que nos trazem as fontes do século IV. Diz J. G. C. Anderson que “ele é tão frequentemente repetido (...) que atingiu o patamar de provérbio, e sua verdade tem amiúde se tornado um artigo de fé” (ANDERSON, 1911, p. 173). Anderson propõe uma reavaliação dessa fé. Ele constata que tanto Aurélio Victor quanto o **Epítome** trazem muitos erros no que se refere às informações que oferecem. Haveria algum engano também com relação à afirmação de Trajano. Esse erro, na opinião do autor, seria derivado do fato de que tais fontes teriam uma avaliação moral do governo de Nero, tendendo a sugerir que os bons anos seriam os

iniciais, e Trajano teria uma avaliação positiva daquele governo por aquilo que ele se aproximava da sua própria condução do Estado. Assim, Trajano se veria associado a Nero por serem os dois devotados aos espetáculos e, mais do que isto, à atividade edilícia. Nero se notabilizou por uma profunda reforma urbana de Roma, o que foi feito a partir do ano 64 após o incêndio da cidade. Portanto, para esse autor, o período referido por Trajano seria o dos anos finais, entre 63 e 68, e não os iniciais. Os cinco anos finais incorporam a anexação das províncias do Ponto Polomaico e dos Alpes Cócios, que se deram em 63 e 64, mas deixam de fora a construção do anfiteatro em 57 e das termas em 61. O fato de essas construções serem anteriores a 63 é tomado pelo autor como uma imprecisão dessas fontes, imprecisão que não seria inédita. Apenas para exemplos relativos às informações que estamos analisando, o autor lembra que, em **Scriptores Historiae Augustae**, atribui-se a Nero uma ampliação do *pomerium* que ele nunca realizou e, ainda, que Eusébio e Cassiodoro atribuíram equivocadamente a anexação das províncias por Nero ao ano de 66. Para o autor, o que importa é que “de longe, a maior parte das atividades de construção ocorreram nos anos 64-68” (ANDERSON, 1911, p. 177).

À sequência do artigo de Anderson, foi publicada uma nota de F. Haverfield (ANDERSON, 1911, p. 178-179), “com o consentimento do senhor Anderson” (ANDERSON, 1911, p. 178). Haverfield concorda com Anderson que o *quinquennium Neronis* não pode se referir aos primeiros anos, uma vez que as fontes são explícitas ao negá-lo à medida que elencam eventos posteriores para justificar o juízo de Trajano. No entanto, prefere interpretar que o período de cinco anos seria aquele compreendido entre os anos 60 e 65. Argumenta que, como nos informa Tácito (**Ann.** XIV, 20, 21), Nero quis dividir seu reinado em quinquênios, comemorando sua passagem com grandes jogos. Os primeiros foram celebrados em 60 e os segundos em 65. Não houve outro *quinquennium*. Parece-nos muito interessante a nota de Anderson sobre a proposta de realinhamento da data do *quinquennium*: “Claramente há espaço para diferença de opinião quanto a que período específico Trajano tinha em mente. **Mas estou feliz por perceber que no essencial nós estamos de acordo**” (ANDERSON, 1911, p. 178 – n. 2). Acho que essas palavras finais de Anderson são uma chave para compreender a construção e, sobretudo, a força da expressão *quinquennium Neronis*.

Uma nova contribuição ao debate só viria a surgir mais de 40 anos depois. Em 1957, F. A. Lepper publica um novo artigo no **Journal of Ro-**

man Studies sobre o tema. Em “Some reflections on the *quinquennium Neronis*”, Lepper analisa as diferenças entre os manuscritos que trouxeram os textos de Aurélio Victor e do **Epítome** e conclui que ambos se originam de uma “fonte comum”, hoje perdida. Seria essa presumida “fonte comum” que teria registrado o dito de Trajano. Isso explicaria erros de cronologia construídos ao longo dessa transmissão de fonte a fonte a partir da sua criação original e a dificuldade de precisar um período exato ao qual se referiria. Lepper questiona um aspecto importante da transmissão da ideia de *quinquennium Neronis*. Ele não foi criado em um único momento e transmitido sem modificações ao longo do tempo. Teria começado a ser produzido no principado de Nero, teria ganhado um impulso decisivo sob Trajano e teria sido transmitido através de uma fonte hoje perdida, sendo que a forma apresentada em Aurélio Victor e no **Epítome**, fontes do século IV, representaria apenas sua formulação tardia e bastante distorcida, seria algo como a palavra final em um “telefone sem fio”. Seriam trezentos anos de acréscimos, exclusões e retificações a uma ideia de *quinquennium Neronis* a compreender para uma correta interpretação de seu significado. A síntese de suas conclusões é que Trajano jamais teria falado sobre uma *quinquennium Neronis*. Entre a morte de Trajano e Aurélio Victor e o **Epítome**, alguém construiu essa noção para expressar uma síntese dos primeiros anos de Nero e atribuiu-a a Trajano, que era conhecido por formular ditos de efeito. Assim, ele salvaguarda a leitura de que os primeiros anos de Nero foram bons, e o engano está na cronologia perdida da fonte comum e na atribuição que ela faz do dito a Trajano, não na leitura predominante do principado de Nero como um todo que fazemos hoje. Ou seja, voltando à nossa imagem do “telefone sem fio”, a mensagem inicial seria a atribuição de bom governo entre 54 e 59, mas a transmissão da ideia através das fontes foi mesclando informações de outras procedências, fazendo com que ela fizesse pouco sentido na forma como foi registrada no século IV. Por outro problema de transmissão, este relativo à preservação das fontes, os textos que permitiriam reconstituir os diversos passos da distorção da mensagem, especialmente a “fonte comum” da qual derivam o texto de Aurélio Victor e do **Epítome**, não chegaram até nós. Mas, para Lepper, isso não pode nos levar a desconhecer que eles tenham existido e, por inferência, considera a melhor alternativa recompor a periodização usual, ou seja, 54 a 59.

A contribuição seguinte ao debate veio a reafirmar que o *quinquennium Neronis* se referiria mesmo aos anos 54 a 59, mas usa argumentos diferen-

tes daqueles de Lepper. Murray, em artigo publicado na revista **Historia**, em 1965, atribui a criação do termo não a uma fonte perdida, mas a um grupo de interesse que atuou nos principados de Nero e de Trajano, passando por Domiciano. A construção de um bom governo de Nero seria, assim, obra de um grupo estoico que viveu sob Trajano e decidiu associar sua imagem à de Trasea Peto. Esse grupo foi exilado por Domiciano e estaria muito prestigiado e influente no início do governo de Trajano. Eles teriam se aproveitado da biografia de Trasea Peto, escrita por Júnio Rústico, que era irmão de Júnio Maurício, estoico ativo na corte de Trajano. Dizer que houve um momento inicial excelente do governo de Nero, que se estendeu até a morte de Agripina, seria a forma de justificar a participação de Trasea Peto, que teria sido elevado à condição de um modelo de conduta por esse grupo estoico no mau governo de Nero. A biografia de Trasea Peto escrita por Júnio Rústico não sobreviveu até nós, mas a imagem altamente positiva que Tácito tinha de Trasea Peto seria resultado da hegemonia dessa versão no início do principado de Trajano, contexto em que Tácito deve ter escrito seus **Anais**. Murray é categórico ao dizer que “a frase ‘Neronis quinquennium’ foi cunhada na vida de Trasea Peto de Júnio Rústico” (MURRAY, 1965, p. 56). O principal argumento de Murray é que não havia como defender que os anos posteriores ao matricídio (59) tenham sido excelentes. No período seguinte, tem-se o assassinato de Otávia, o incêndio de Roma e a conspiração Pisoniana, que eclodiu em 65, mas que já vinha sendo urdida há bastante tempo. Para Murray, após 59 o governo de Nero se torna uma clara tirania, sendo impossível elogiá-la. Como explicar, então, as diferenças na cronologia? Elas seriam explicadas pela incapacidade de essas fontes do século IV fazerem distinções cronológicas claras. Apesar de a datação exata dos eventos neronianos estar obscurecida no século IV, os autores desta época quiseram ilustrar com acontecimentos da época a frase de Trajano. Murray afirma que isso produz “resultados desastrosos por causa de sua ignorância da cronologia neroniana” (MURRAY, 1965, p. 47-48). E qual a razão de essa cronologia neroniana ter sido transmitida sem maior precisão, ainda que a memória acerca dos eventos do governo de Nero não tenha se perdido também? A resposta de Murray é que elas (a cronologia e a memória) estavam obscurecidas nas fontes utilizadas pelos autores do século IV, que apresentavam os reinados não de maneira cronológica, mas indicando em conjuntos separados aspectos positivos e negativos de cada governo. Um exemplo seria a biografia neroniana escrita por Suetônio, que

certamente foi utilizada por Aurélio Victor e pelo epitomador. Assim, a ideia de *quinquennium Neronis* teria uma origem, e os fatos que ilustram esta ideia nas fontes do século IV teriam outra. A associação desses dois discursos teria feito surgir a confusão. A ideia de *quinquennium Neronis* teria origem, para usar as palavras de Murray, na “lenda de Trasea, o intransigente santo estoico” (MURRAY, 1965, p. 61). Quando o contexto de propagação dessa lenda se desfez – e ele não durou muito, tendo sido conjuntural do momento do retorno dos estoicos após a queda de Domiciano –, a ideia de *quinquennium Neronis* perdeu coerência. Para Murray, “este foi um juízo com o qual Trajano aquiesceu, mas não formulou” (MURRAY, 1965, p. 60).⁴

As propostas de datação do *quinquennium Neronis* recebem uma nova contribuição em 1971. No volume 20 da revista **Historia** foi publicado o artigo “The middle years of Nero’s reign”. Em sua contribuição, Hind assinala inicialmente que “ambos os autores, obviamente, tendo em vista suas observações no que respeita aos apontamentos de cunho moral acerca da vida de Nero, devem ter tomado o comentário de Trajano no seu sentido moral e o associaram aos cinco primeiros anos do governo de Nero” (HIND, 1971, p. 490). Mas ele considera ainda que o comentário inicial de Trajano, independente da leitura que dele tenha sido feita por Aurélio Victor e pelo epitomador, só poderia se dirigir originalmente a Domiciano, mais especificamente compondo uma crítica a este imperador. Domiciano costumava se gabar de ter uma boa política externa. Na visão de Hind, a ideia de Trajano era colocar em evidência que mesmo um imperador como Nero teria superado Domiciano no que se refere à política externa. Daí as referências às províncias em associação ao *quinquennium Neronis*. Do ponto de vista das construções, admite que os últimos cinco anos foram os melhores, mas lembra que os anos 60-65 também foram muito ativos. O ginásio e os banhos que são referidos foram construídos em 61 e 64, respectivamente. Ele descarta os anos finais, tendo em vista que correspondem a perseguições sanguinárias, especialmente em razão da conspiração pisoniana e de pesada oposição a Nero. A melhor prova que os anos finais não foram bons é que Nero se mata ao final deles. Ademais, tanto Aurélio Victor quanto o epitomador dizem que Nero teve um final de governo abominável. Assim, poderia ser afastada a proposição de que o *quinquennium* se ligue aos anos finais. Nesse sentido, “para concluir, então, eu proponho que o comentário com relação ao *quinquennium* de Nero foi feito por Trajano tendo em mente o período entre os *ludi quinquennales* de 60 e 65” (HIND, 1971, p. 502).

Dois anos depois, a **Historia** publica mais um artigo sobre o tema: “The enigma of Nero’s *quinquennium*”. Thornton, a autora do artigo, argumenta inicialmente que tanto o elogio aos anos iniciais de Nero quanto o reconhecimento da importância da sua atividade edilícia e de sua política externa foram bem posteriores ao seu reinado. O argumento que desenvolve é muito interessante para o ponto que queremos destacar. Na sua visão, as coisas que se viam como sendo boas em Nero são decorrentes de avaliações posteriores e não daquelas que eram feitas na própria época também a favor de Nero, mas que trilhavam outros caminhos. Que tipo de elogios eram feitos a Nero em sua própria época? Começemos pelo exemplo mais famoso que é aquele oferecido por Sêneca em seu **de Clementia**. Ali, Nero é apresentado como um sábio, como o governante que modera seu poder porque sabe que só é estável aquele que está acima e a favor daqueles sobre os quais exerce seu poder. Na obra de Sêneca, Nero é aquele fabuloso jovem que, tendo que assinar a condenação de alguém à morte, exclamou que preferia não saber escrever! Calpúrnio Sículo, por sua vez, volta seu elogio para a paz trazida por Nero. Ele afirma na **Bucólica** (I, 46-50): “No momento em que o próprio deus governará os povos, a ímpia Belona ficará com as mãos atadas, privada de suas garras, ela voltará seus dentes furiosos contra suas próprias entranhas e as guerras civis que ela espalhou pelo mundo inteiro se voltarão contra ela mesma”. Pensando também no elogio de Lucano a Nero no primeiro livro da **Farsália**, não se veem pontos em comum com aqueles aspectos positivos destacados nas fontes do século IV. Eu concordo com Thornton quando ressalta o divórcio entre as razões que levavam Nero a ser elogiado em sua época e nas que se seguiram a ele. Acho ainda que esse ponto é fundamental para compreendermos o *quinquennium Neronis* de uma forma diversa das anteriores. A autora assinala ainda que “a principal razão pela qual os estudiosos aceitam a interpretação convencional de Nero é que ela se ajusta bem aos vieses já adotados por eles” (THORNTON, 1973, p. 576). E tal observação me parece outra chave importante para entender o poder da ideia de um *quinquennium Neronis* ao longo do tempo.

Para Thornton, é preciso colocar a leitura do *quinquennium* de acordo com as conjunturas vividas pelos contemporâneos, e seus conflitos. Nesse sentido, destaca que Nero acabou sendo fortemente atacado por seus sucessores Flávios, uma vez que se impunha a estes não apenas justificar sua posição presente, mas também promover a crítica dos antecessores. Nero, sendo o último dos Júlios Cláudio, tinha uma posição-chave para

que essa crítica se construísse. Assim, a ideia de um bom governo de Nero sob Trajano não poderia deixar de considerar todas as visões negativas que foram se construindo e consolidando entre Nero e Trajano sob os Flávios, quando qualquer elogio a Nero teria sido descabido. Tácito e Suetônio são claramente tributários dessas visões e por isso mesmo não dariam qualquer indício de que fosse um *quinquennium Neronis*. Não há qualquer referência nas obras do historiador e do biógrafo a essa expressão que Trajano teria se acostumado a repetir, mesmo que eles tenham sido contemporâneos deste imperador. Outro ponto importante da contribuição de Thornton é deixar claro que não é razoável usar a expressão *adulescens* para datar a expressão de Tácito no interior do reinado de Nero. Ela serve antes para destacar o fato de que ser jovem não é óbice para a virtude e que a juventude caracterizou o reinado desse governante como um todo, e não parte dele. Outro ponto destacado é que a expressão *quinquennium* não era algo de uso apenas neroniano, mas bastante difundido. Assim, não se refere necessariamente ao intervalo entre os jogos quinquenais de Nero, mas pode se referir a qualquer outro período. Mais do que isso, seguindo a tradição grega, o quinquênio se refere a um período que inclui cinco anos e não a um intervalo de cinco anos. É o caso de diversos jogos gregos, como os Olímpicos, para citar o mais famoso evento. A autora conclui então que “o comentário de Trajano com seu elogio ao *quinquennium* de Nero não pode mais ser usado como sinônimo de excelência dos cinco primeiros anos. O período de tempo a que se refere o *quinquennium* se ajusta melhor aos anos finais do reinado de Nero quando ele anexou as duas províncias e construiu extensivamente” (THORNTON, 1973, p. 582).

Hind produz um breve comentário de duas páginas sobre o artigo de Thornton, publicado no *Miszellen* da **Historia** de 1975. Basicamente, reafirma seus argumentos, indicando que não se pode concordar com a datação nos anos finais, uma vez que eles foram notoriamente negativos.

Em 1983, Barbara Levick publicou uma contribuição ao debate sob o título **Nero's *quinquennium***. Já na página 212, a autora afirma que os “Os estudiosos têm sido atraídos para aquelas respostas nas quais eles estão tentados a acreditar, seja no que se refere a Nero seja no que concerne a Trajano”. Depois de passar em revista as diversas interpretações que foram propostas para o *quinquennium Neronis*, indica que todas as possibilidades de leitura têm aspectos favoráveis apontando para sua aceitação, mas também restrições, que colocam dúvidas incontornáveis para a construção de

um juízo seguro. Em conclusão, afirma: “mas o paradoxo disto (do meio de transmissão do *quinquennium Neronis*), algo para ser saboreado no tempo de Trajano, foi perdido pelos compiladores do século IV. Isto se mantém ainda como um quebra-cabeças, para ser explicado ou amenizado” (LEVI-CK, 1983, p. 225).⁵

Em 1989, Thornton publica uma nota no *Miszellen* em que retifica sua leitura do *quinquennium Neronis*. Defende que a ligação entre Trajano e Nero é que está na origem da expressão, seguindo a proposição exposta por Ronald Syme em seu **Emperors and biography** (SYME, 1981, p. 109). No entanto, a ligação não seria por outra razão senão pela ampliação do porto de Óstia, concluída por Nero possivelmente em 63 ou 64. Trajano também fez uma intervenção nesse porto, ainda que de menor envergadura. A autora opina ainda que o elogio de Trajano é um elemento ao qual se acrescentam outros nas fontes do século IV, sem relação com o juízo emitido pelo imperador Antonino. Por essa razão, não há de se falar em incongruência entre o elogio de Trajano e os eventos mencionados.

Desde então, não temos tido mais nenhuma contribuição que lance nova luz sobre o que foi chamado de enigma do *quinquennium Neronis*. No geral, o uso tradicional associado aos primeiros anos prevalece, do mesmo modo como Anderson demonstrou ser impertinente há pouco mais de um século. O debate iniciado por aquele artigo e nota no número inaugural do **Journal of Roman Studies** segue em aberto. E isso nos leva, então, a nossas conclusões.

A primeira conclusão que podemos extrair deste estudo é que o debate em torno do *quinquennium Neronis* se concentrou ao longo do século passado no aspecto da determinação do intervalo temporal ao qual ele corresponderia. As análises acabam mostrando diversas alternativas de associação, sem que nenhuma conclusão seja possível quanto a esse aspecto específico.

Na tabela a seguir, consolidamos todas as informações, buscando deixar mais claro como, em larga medida, esse debate foi infrutífero para se chegar a uma conclusão mais definitiva sobre as fronteiras cronológicas específicas do *quinquennium Neronis*.

TABELA 1 - sistematização das informações em quadro sinóptico

Eventos mencionados nas fontes																	
										Reino				Thermae Neronis			
														Polomeno reduzido a província			
Anfiteatro										Lauacra				RECONSTRUÇÃO DE ROMA APÓS O FOGO			
54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68			
Alguns dos eventos neronianos mais lembrados para sua avaliação					Assassinato de Agripina					Incêndio de Roma							
Ascensão de Nero					Afastamento de Sêneca					Morte de Bruto							
										Consp. Pisoniana							
54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68			
Suicídio de Nero																	
Distribuição das opções dos autores analisados em torno do qN																	
Lepper (JRS, 1957)							Haverfeld (JRS, 1911)										
Murray (Historia, 1965)							Hind (Historia, 1971 e 1975)										
Thornton (Historia, 1989)							Thornton (Historia, 1973)										
Número de opções por ano segundo as opções dos autores em torno do qN																	
3	3	3	3	3	3	2	2	2	2	3	4	2	2	2			
54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68			

Isso nos leva a uma segunda conclusão, que é, a nosso ver, mais interessante: percebe-se o quanto as noções de bom e mau governo não são tão objetivas ou inequívocas quanto possam parecer. No caso do governo de Nero, diversos grupos com visões muito diversas do período neroniano acabaram se interessando por fazer o elogio de **parte** de seu mau governo. Ou seja, constituiu-se ao longo dos séculos um consenso de que o governo de Nero foi ruim, mas teve um bom período. Em outras palavras, cada um que ajudou a construir e transmitir a expressão *quinquennium Neronis* estava de acordo com a admissão de que o imperador fez um mau governo, mas certas ações eram ainda assim dignas de elogio. Mesmo sem concordarem acerca do que seria digno de elogio, puderam todos aceitar que houve um *quinquennium Neronis*. Pensamos que neste ponto podemos lembrar aquele comentário de Anderson (feito em 1911) que citamos no início de nosso artigo, sobre as posições em debate. A nosso ver, ele explica involuntariamente um aspecto importante da força e permanência da expressão *quinquennium Neronis*: “Mas estou feliz por perceber que no essencial nós estamos de acordo” (ANDERSON, 1911, p. 178 – n. 2). A diversidade dos que estavam de acordo a alimentar esse consenso é enorme. Listemos alguns exemplos, então, para que este ponto fique mais claro.

Havia os que fizeram cerrada oposição a Nero no final de seu governo, envolvendo-se nas conspirações e levantamentos militares que levaram o imperador ao suicídio. Eram pessoas com posições elevadas. Muitos deles deviam tais posições justamente a favores de Nero. Assim, era preciso justificar sua nova opção. Impunha-se afirmar por que se participou da derrocada de um governante que antes fora amigo. Era uma nova opção por conta de que o grosso daqueles que se opuseram a Nero foram antes seus

apoiadores - o que se fazia quase que inevitável, uma vez que este exerceu o poder por longos anos, e um aristocrata encontraria enormes dificuldades para atingir posições elevadas sem o favor imperial. Esse foi o caso dos diversos indivíduos que atuaram na conspiração pisoniana de 65. Para dar um exemplo, basta dizer que um dos chefes da guarda pretoriana neroniana estava envolvido no complô contra o imperador. O próprio imperador Vespasiano e pessoas ligadas a ele tinham alianças com pessoas que tiveram bastante poder naquele período. Ainda para exemplificar, lembramos que o filho mais jovem de Vespasiano, que foi um general de Nero e será o responsável por fundar a dinastia seguinte, foi casado logo no início do seu reinado com a filha de Corbulão - o mesmo Corbulão que foi o poderoso general de Nero à frente das guerras da Armênia. Esta filha de Corbulão, chamada Domitia Lépida, viu seu pai e seu marido receberem ordens de suicídio do imperador Nero por causa de uma conspiração em que ela mesma esteve claramente envolvida.⁶ Esse é mais um exemplo de setores os quais, logo após o colapso do governo de Nero, tinham que justificar por que estiveram em um momento anterior entre os associados ao mau imperador. Para isso, cabia a cada um deles criar um período de bom governo. Um período que não era exatamente o mesmo e não podia ser caracterizado assim pelos mesmos motivos, uma vez que cada um deles teve uma participação no governo de Nero e nas decisões e ações de quem depois seria tomado como repugnante, como vemos as fontes do século IV indicarem (como algo perfeitamente consolidado).⁷

Posteriormente, outros interesses vieram a reforçar essa noção de mau governo com um bom momento. Um grupo de aristocratas, que conjuntamente foi qualificado como estoico - e que ganhou alguma unidade em razão da perseguição promovida por Domiciano no final do século I -, utilizaria o governo de Nero como exemplo para promover sua recolocação no centro do poder sob Trajano. Para tanto, afirmaram a ideia de que, enquanto o governo de Nero foi conduzido por influência dos estoicos, sobretudo de Trasea Peto, tudo corria às mil maravilhas. O objetivo que se tem neste contexto com a valorização de um período de Nero é totalmente diferente daqueles que examinamos antes. Nesta conjuntura, não são eventos específicos ou a participação desse ou daquele que tenha mudado de lado que importa explicar, mas algo diverso e de caráter geral: a noção de que o bom governante tem bons conselheiros. Nesta situação nova, o procedimento para explicar um *quinquennium Neronis* não é mais induti-

vo, indo dos eventos específicos para um conceito, mas dedutivo, partindo de uma noção geral de bem governar para os exemplos que demonstrem a pertinência deste juízo geral.

Trajano, por sua vez, também parece ter atuado para reforçar a ideia de um bom período de governo como as fontes do século IV registram. Mas ele o fez por outras razões. Para ele interessava, em primeiro lugar, caracterizar o mau governo de Domiciano. Assim, para ele era oportuno mostrar que até o mau Nero não foi tão nefasto quanto Domiciano. Domiciano era muito jovem, como Nero. Mas isso não era desculpa para governar mal. Domiciano se gabava de sua política externa. Mas mesmo o mau Nero fez mais do que ele. Note-se que as campanhas militares na Bretanha e na Armênia não ganharam importância neste contexto, como também não tem saliência a ideia de paz como um bem, tal como já recordamos que predominava no próprio governo de Nero. Além disso, Trajano tinha boas razões para se identificar com Nero por ser ele também um cultor dos espetáculos e ter atuado fortemente na construção de obras na capital, como atesta o seu fórum. Assim, Trajano tinha interesse em associar seu antecessor a um modelo de mau governo representado por Nero. Mas, por outro lado, por ter também fortes pontos de identificação com Nero, poderia de fato ter se interessado por destacar aspectos positivos, mesmo que não predominantes, na gestão daquele antecessor já distante.

Poderíamos ir adiante listando outros interesses e o reforço a outras leituras, como é o caso difuso dos cristãos, que valorizaram a participação de Sêneca - pensador importante para a formação das ideias cristãs até hoje - no governo de Nero. Os cristãos elogiam um Sêneca que foi produzido posteriormente a sua morte, especialmente após o fim da Antiguidade. Sendo assim, ao longo do tempo, foi sendo criada uma leitura que ressalta a qualidade desse pensador como conselheiro em detrimento das visões que apontavam para um homem de pouca virtude, bastante preocupado apenas em ter vantagens para si. Para aquele Sêneca que acabou por predominar nas leituras produzidas ao longo dos últimos séculos, a ideia de *quinquennium Neronis* com um bom governo inicial também parecia atraente, portanto.

Pode-se lembrar ainda daqueles que adotam uma perspectiva aristocratizante do governo ideal, que tendem a elogiar o governo de Nero quando ele não foi tirânico, pessoal, mas se pautava pelo controle dos equilibrados Sêneca e Burro. Essa concepção aristocratizante do poder, aliás, é a que

predomina atualmente nas leituras sobre o bom governo do mau Nero. Aí também a ideia de um *quinquennium Neronis* é útil, ainda que os autores não estejam se referindo exatamente ao mesmo que os cristãos, Trajano e seus apoiadores, os estoicos ou aqueles que derrubaram Nero.

Assim, cremos ser correto concluir ainda que cada um dos grupos (pouco coesos) que listamos tinha razões diferentes para pensar em um *quinquennium Neronis* e o associou a diferentes eventos - portanto, ocasionalmente, a diferentes cronologias. Em outras palavras, a força do *quinquennium Neronis* está na capacidade que este conceito tem demonstrado de acomodar e expressar os interesses de católicos e estoicos, apoiadores de Vespasiano e de Trajano, opositores de Domiciano e de Nero. O que quis destacar é que em tamanho secular dissenso se construiu um consenso (houve um período de bom governo do mau Nero). Ou seja, minha conclusão é que a força da ideia está na sua capacidade de abrigar o dissenso, que não está em oposição a algum consenso necessariamente. Assim, dissenso e consenso não seriam categorias antitéticas, mas poderiam se acomodar na típica polissemia do vocabulário político.

Qual a base e a força do *quinquennium*? Parece-nos que é a seguinte: concordemos com algo que não vale a pena definir claramente. Basta saber que há bons e maus governos. Há consenso nisso. Dado isso, disputaremos o que faz de alguém bom ou mau governante. Para deixar mais claro como funciona tal mecanismo, vamos detalhar a associação entre consenso e dissenso. Tome-se que bom governante é aquele que se liga às pessoas certas e, quando toma decisões por si mesmo, o faz com correção. Temos consenso aqui. E é a partir deste consenso que se pode produzir um dissenso, para que digamos quais são as pessoas certas e quais, concretamente, são as decisões corretas. Desse modo, todos aqueles grupos que listamos e outros mais puderam falar em um *quinquennium Neronis*, que se fez consensual sem estar de acordo quanto ao que fazia do governo de Nero um bom governo, o que levou a todo o dissenso para o estabelecimento de uma cronologia clara e uma associação inequívoca deste termo com um conjunto de eventos concreto e específico.

Se nossas conclusões estão corretas, é patente que são, de fato, infrutíferos os intentos de delimitar o *quinquennium Neronis* como algo que se possa compreender como produto de um único momento histórico (seja ele o século I, II, IV ou atualmente). O *quinquennium Neronis* atravessa

diversas temporalidades e grupos de interesse, e ao mesmo tempo que é modificado por eles, passa a carregar as marcas de cada uma destas transformações. Sendo assim, a nosso ver, o *quinquennium Neronis* deve ser entendido na sua polifonia: como *quinquennia* Neronis - no plural, como um conceito que registra múltiplos consensos e dissensos sobre o que tenha sido o governo de Nero.

QUINQUENNium NERONIS AND THE IDEA OF A GOOD GOVERNMENT

Abstract: This article discusses different forms of interpretation used in the historiography for the expression *quinquennium Neronis*. It dwells upon how different interpretations in the historiography have sought to explain the term by relying on different traditions as reading keys. The author suggests that the persistence of the use of the expression *quinquennium Neronis* in the literature of the Roman Empire and beyond maybe due exactly to its ambiguity. Furthermore, it is suggested that the term's ambiguity may be more intelligible considering its use under different temporalities and by different political groups.

Keywords: Nero; *quinquennium Neronis*; Roman Principate; Roman Empire; historiography.

Documentação textual

PSEUDO-AURELIUS VICTOR. **Abrégé des Césars**. Texte établi et traduit par M. Festy. Paris: Les Belles Lettres, 1975.

AURELIUS VICTOR. **Livre de Césars**. Texte établi et traduit par P. Dufraigne. Paris: Les Belles Lettres, 1999.

_____. **Livre de Césars**. Texte établi et traduit par P. Dufraigne. Paris: Les Belles Lettres, 1975.

MINOR LATIN POETS. Introductions and English translations by J. Wight Duff and Arnold M. Duff. Cambridge: Harvard University Press, 1934.

LUCAN. **La guerre civile** (La Pharsale). Tome I. Texte établi et traduit par A. Bourgery. Paris: Les Belles Lettres, 1947.

TACITE. **Annales**.3 vv. Texte établi et traduit par Henri Goelzer. Paris: Les Belles Lettres, 1953.

Referências bibliográficas

- ANDERSON, J. G. C. Trajan on the *quinquennium Neronis*. **Journal of Roman Studies**, v. 1, p. 173-179, 1911.
- ANTIQUEIRA, M. Aurélio Víctor e o *quinquennium Neronis*. **História Unisinos**, v. 15, n. 3, p. 437-445, set./dez. 2011.
- EYBEN, E. **Restless youth in ancient Rome**. London: Routledge, 1993.
- FAVERSANI, F. **A sociedade em Sêneca**. São Paulo: FFLCH-USP, 2001.
- FLOWER, H. I. **The art of forgetting**. Disgrace and oblivion in Roman political culture. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2006.
- HIND, J.G. F. Is Nero's *quinquennium* an enigma? **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, v. 24, p. 629-630, 1975.
- _____. The middle years of Nero's reign. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, v. 20, p. 488-505, 1971.
- LEVICK, B.M. Nero's *Quinquennium*. In: DEROUX, C. (Ed.) **Studies in Latin Literature and Roman History III**. (Coll. Latomus 180). Bruxelas: Latomus, 1983, p. 211-225.
- MURRAY, O. The *quinquennium Neronis*' and the stoics. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, v. 14, p. 41-61, 1965.
- LEPPER, F. A. Some reflections on *quinquennium Neronis*. **Journal of Roman Studies**, v. 47, p. 95-103, 1957.
- SYME, R. **Emperors and biography: Studies in the Historia Augusta**. Oxford: Oxford University Press, 1981.
- _____. **Tacitus**. Oxford: Clarendon Press, 1958.
- THORNTON, M. K. Nero's *Quinquennium*: The Ostian Connection. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, v. 38, p. 117-119, 1989.
- _____. The enigma of Nero's *quinquennium*. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, v. 22, p. 570-582, 1973.

Notas

¹ Agradeço a Carlos Augusto Machado, Norberto Luiz Guarinello e Fábio Duarte Joly, que leram uma versão anterior deste artigo e fizeram sugestões importantes para seu aperfeiçoamento. Esta pesquisa contou com o apoio do CNPq e Capes.

² Ronald Syme, em seu clássico **Tacitus**, estabelece esta relação entre o *quinquennium* e o livro XIII (SYME, 1958, p. 262).

³ Tratamos anteriormente da incongruência entre o que a historiografia pensa ter sido o papel desempenhado por Sêneca ao longo do principado Nero e os ideais defendidos pelo próprio autor em suas obras. Esse é outro debate curioso e que me parece também importante para uma apreciação do que fosse um bom governo (ver **A sociedade em Sêneca**, de Fábio Favarsani – consultar **Referências Bibliográficas**).

⁴ Ver **Restless youth in ancient Rome**, de Emiel Eyben (consultar **Referências Bibliográficas**), para uma discussão sobre as etapas da vida humana apresentada por Varrão, que é a mais aceita para refletir-se sobre o sentido atribuído pelos romanos para estes estágios.

⁵ Ainda que a autora defenda que, originalmente, os cinco anos bons seriam os iniciais, ligados à avaliação produzida por Sêneca e seus aliados para o período, ver as páginas 222 e 223 de seu artigo.

⁶ Este movimento é muito bem expresso por Harriet I. Flower: “Como Galba, Vespasiano quis se associar com a família de uma das mais proeminentes vítimas de Nero, mais claramente ao casar seu filho mais novo, Domiciano, Com Domícia Longina, esposa do famoso general de Nero, Corbulão”. (...) “Os eventos de 69, contudo, tinham mostrado por si mesmos que restaurar várias ‘memórias’ podia ser tão importante quanto apagar outras”(2006, p. 209).

⁷ A elaboração historiográfica do *quinquennium Neronis* no contexto do século IV é estudada por Moisés Antiqueira no artigo “Aurélio Víctor e o *quinquennium Neronis*”.